

O FIGUEIROENSE

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PROPRIEDADE DO CENTRO REPUBLICANO CINCO DE OUTUBRO

Editor
José Francisco da Silva
Director e Administrador
Joaquim dos Santos Granada

ASSIGNATURAS

Um anno	1800
Seis meses	600
Brazil, anno	2500
Africa, anno	1500
Numero artigo	500

Publica-se aos sabbados

Administração, composição e impressão na typographia do

CENTRO REPUBLICANO

Rua da Agua — FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director
Originaes sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e administrativos preços convencionaes

ANO NOVO

Na sua larga existencia de XXIII annos nunca *O Figueiroense* se sentiu tão apreensivo ao falar do «Ano Novo» como se sente neste momento em que tem de dizer alguma coisa do ano que ante-hontem iniciou a sua acção.

Foram decerto maus para nós, e geralmente para toda a humanidade, os annos em que se desenvolveu a grande guerra europeia, que assolou o mundo inteiro e cujas consequências estão pesando, e hão de pesar por muitos annos ainda na vida dos povos; mas este de que hoje nos propomos tratar é decerto para nós, os portuguezes, aquelle que mais sombrio e inigmatico se apresenta.

A nossa situação economica é verdadeiramente alarmante e no que respeita ao problema politico e a «ordem publica» não são mais animadores os factos que se observam.

Lisboa está transformada n'um verdadeiro arsenal de bombas explosivas, de que todos os dias se fazem importantes apreensões, sem que por parte dos respectivos governantes se tomem medidas que ponham termo ao seu clandestino fabrico; e paralelamente as classes operarias vão dia a dia ampliando as suas exigencias não se sabendo quando nem como terminarão.

Por outro lado os senhores da democracia de que o paiz está inteiramente saturado e que são, a nosso ver, a causa primordial de todo o desajuste nacional não se resolvem a abandonar o poder, para que outros possam, e por ventura com melhor orientação, prestar as suas provas, e d'alii esta situação que a todos desgosta e que nos arrasta a passos agigantados para dias de incerteza e de luto.

Voltando ainda á situação económica do paiz verifica-se que ella assumiu proporções verdadeiramente alarmantes achando-se em terrivel desequilibrio a nossa balança commercial e tendo por isso a nossa moeda sofrido a maior deprecição que se regista e cujas funestas consequências apavoram os mais aulmosos.

A *libra cheque* que nunca, durante a guerra, chegou a cambio de 30 correspondente oito escudos, baixou já da casa dos 20 estando a mais de doze escudos!

O mesmo succedeu, é claro, com a *libra ouro* que atingiu já os deseseis escudos enquanto que durante a guerra nunca passou de onze ou doze, se é que alguma vez a tanto atingiu!

Ora estando o nosso paiz cheio de encargos a que temos de fazer face com bom ouro, como e por que preço poderemos saldar esses compromissos?!

Decididamente, se foi mau e muito mau o anno que findou e se maus e muito maus foram tambem os annos que o precederam, pior e muito pior se apresenta o *novo anno de 1920* que pode ser de funestissimas consequências para a nossa nacionalidade se novos processos de governo e nova orientação de governados não trouxer para esta desditosa patria a tranquillidade e o socego de que ella carece para poder trabalhar e produzir levando ao maximo as suas economias e pondo inteiramente de lado as importações dispendiosas de que poder prescindir.

Está em crise o governo á hora a que chegamos, sendo occasião oportuna de se experimentar um governo de feição acentuadamente conservadora, em que todo o paiz confie e com o qual as classes produtoras possam colaborar na obra de regeneração nacional a que urge meter ombros; axalá, pois, que quem tem de decidir do pleito o faça nos termos que deixamos referidos.

Vem de França o exemplo, sendo de notar que esse grande povo não vacillou em lançar mão dele apesar da sua situa-

que a nossa.

Emfim, aguardamos os acontecimentos e deles lavaremos as nossas mãos como Pilatos no Credo, restando-nos a consolação do *dever cumprido*.

Se outros o não cumprirem, se sobre os erros passados se insistir em acumular novos erros, remendando governos gastos ou organisando outros á imagem e semelhança destes, então que ninguem tenha illusões sobre a nossa sorte e terrivel, mais que todos os outros, será para nós o *novo anno de 1920*, de que venho falando com pouca vontade e certamente com menos proveito, dada a ameaça do camarada Augusto que se propõe correr a *dinamite e a tiro* todo o governo que não seja da sua feição ou que que não esteja disposto a fazer-lhe o jogol...

Perfil

A. M. V. F.

Palidasinha d'olhos tristes e magoados é o enlevo de seus extremosissimos paes que muito lhe querem e a quem Ella, do coração, muito quer tambem.

Baixa, franzina, mas muito graciosa, elegante e gentil, o seu porte contornado e altivo é pleno de encanto e de luz.

Jolgo-a bondosa até á admiração e extusio-me quando contemplo aquelles seus olhos de brilho suave e doce em que florem com tratamento as petalas, os soubos e as caricias.

Adora a musica triste e comtudo tem uma alma viva muito alegre.

Se ama não o sei; mas deve ser amada, porque ha ainda quem tenha o culto pelo Belo, e Ella, elegante e aromatica figurinha de Saxe, tendo a doçura das arqui-deas e o perfume das violetas, encanta, prende e fascina.

N'um noute aprásivel, de *salsifré* ali no Club, conversava animadamente, com

teirão e arremessou-lhe á queima roupa esta interessante pergunta:

—Porque não pensa V. Ex.^a em casar?

Ele puxou descarçadamente as guias do seu alourado bigode, muito expesso e cuidado e respondeu:

—Porque S. Paulo diz que é bom casar mas é melhor não o fazer.

Sorriu-se, com um sorriso muito encantador e concluiu num relance astuto:

Pois façamos nós o bom e deixemos que os santos, por serem santos, façam o melhor.

... Como argumento nacional creio que não ha superior.

Amazona

Graves acontecimentos d'Areaga

Foi feita no passado sabbado a *autopsia das duas victimas, tendo as autoridades judiciaes e administrativas tomando conta do caso, sobre o qual estão procedendo as respectivas averiguações.*

Por este motivo e por que é proposito nosso em nada embaraçar a acção das autoridades constituídas resolvemos aguardar o termo dos seus trabalhos para depois darmos conhecimento deles aos nossos presados leitores.

DEVANEIO

Ao Ex.^o Sr. Carlos da S. Graça

Noite silenciosa e amena, estrelada e sem luar. A natureza adormecida, repousava numa paz de tumulo. Nem o ladrar dum cão interrompia aquelle silencio pesado e brumoso capaz de fazer frio na espinhal-medaul dum bravo, mesmo sendo uma nova encarnação do Rei Artur. Se um moreço passasse, o ruído provocado pelo seu vôo pesado simularia o ribombar do trovão, ou o crepitar do raio.

Quem encostasse o ouvido ás portas das habitações não

de duma inocente criança. Tudo paz, silencio e sono.

Apenas no seu quarto o poeta pensava; não em fazer rimas, não em compor uma egloga ou uma satira, um soneto alexandrino, ou um panegirico.

Pensava na humanidade adormecida a seus pés, elle que vivia numa agua-lurtada, simulando um rei no alto do seu trono, mas este composto de intelligencia, fogo, trabalho, ar-rojo.

Estendia a «vista» do intellecto pelo universo inteiro, e, escafpelizando-o, raro encontrava no seu «ensemble» um ou outro aihomo de beleza.

As mulheres eram creaturas banaes, desejaveis agora, excradas logo, após satiada a sua força de homem.

Nem beleza, nem arte, nem encanto, nem sedução, fingimento, banalidade, pôde ar-roz e carmin...

Nos homens intriga, inveja, odio, egoismo, ferocidade, impudicia, canibalismo.

Nas creaturas, que nos seus tempos de moço eram creaturinhas adoraveis, alegria do lar e encanto dos paes, via já tendencias para o mal, para o mal de que os seus creadores estão leivados, escrofulosos do corpo e da alma.

Das suas boquitas rosas e entreabertas saem já palavras soezes, sem as compreenderem, sim, porém compreendendo-as em *mot d'ordre*, aprendidas pelas ruas e em casa na convivencia com os seus eguaes e nas conversas entre o pae e a mãe, desbragado elle, desleixada ella, ambos não assimilando a necessidade de se fazerem respeitar pelos filhos e lhes incurrir a educação de que os nossos antepassados eram gloriosos detentores.

E em tudo via o mal correndo, decompondo, escafpelando, derrubando a obra colossal, desse Grande e Supremo Arquitecto do Universo a que os christãos chamam Deus e os mahometanos Allah.

O poeta era um *velho* de 30 annos, farto de lutas e canceiras, de impatos e desfalciamentos, de momentos de orgulho e revoltas intimas.

Na sua farta cabeleira, algumas brancas destorçavam no azeviche profundo daquillo a que elle chamava «a sua juba».

Sonhara na sua mocidade a humanidade perfeita, sa, pura, sem preconceitos, nem hipocrisia, sem egoismos, nem classes.

ESQUECER-TE?

(A Ti, minha Doce e Santa amiga)

O' sol da minha vida, ó meu amor,
Estrela luminosa d'Alvorada,
Perdoa á minha sina amargurada
Querer-te como a Deus Nosso Senhor!...

Esquecer-te? Oh! meu Deus, que intensa dôr!...
Sino no peito meu, ó minha amada,
A chama fulminante e abrazada
A consumir minha alma num 'storfôr!...

Jámais eu cantarei, ó minha Santa!
Conforta, por favor, a magua tanta,
Que invade a minha vida tristemente.

Mas sabes? Eu não posso já esquecer.
Tua imagem, que Deus ha de manter,

13-12-919.

Enrico Mary

Julgava-a bela em todos os
lados por que fosse vista e afi-
nal... afinal encontrara-a la-
ma infecta e nauseabunda,
pelle-mêle de charlatanismo,
hipocritas falas e refalsadas
maneiras, escondendo sob um
belo sorriso todo o veneno do
seu intimo machiavelico, olhan-
do para o lado a não deixar
ver o rancor transparecendo
nos seus olhos de trigre.

O poeta levantou-se e acer-
cando-se da janela aberta de
par em par disse baixinho,
num murmúrio abafado e so-
lucante:

—Dorme, humanidade que
eu detesto, mas que também
venero e respeito!

Detesto-te por seres um
conjunto de infâmias; venero-
por seres grande no teu mal;
respeito-te porque me esma-
gas.

Mas ao meu respeito e á
minha veneração, antepõe-se
o meu odio, pois tu, vitora de
milhões de cabeças, deixaste
morrer Jesus no Calvario por
te querer salvar e tu, tão infá-
me, tão vil, tão canalha, cus-
piste-o e continuaste, continua-
ste e continuarás trilhando o cami-
nho do mal.

Oh! Mas é nesse teu mal que
está a tua força e que outra
força se antepará á tua?

Segue, passa, mas não es-
magues mais o peito inofensi-
vo de quem te despreza.

Wladimiro d'Almeida

ANO NOVO!

Bôas festas! Bôas festas!
Trentos e sessenta e cin-
co dias voaram rapidamente
na ambula dourada do Tempo!

Homens, mulheres, crianças,
vivem ahí estudando, brincan-
do, trabalhando, estiolando-se!

Nos parques, nas ruas, nas
escolas, pelo campo, pelas r-
ras, pela praia, nas chieimas,
nas fabricas, nos bazares, á
enorme familia humana, se
acotovela, lutando pela Vida!

E, voando, os doze mezes,
passaram rapidamente na am-
puleta dourada do Tempo!
Fremtos de magia, de ventura
nos envolvem a imaginação!

Orisontes desconhecidos, que
se nos afiguram mais bel-
los, se apresentam rutilantes
ao nosso espirito aventureiro.

Até o Tempo, na sua rotação
infundavel, parece quedar-se
momentaneamente, nessa data
simbolica, numa quietude
doce, inefavel e pacifica con-
fraternizando as nossas almas.

Tudo é festa, tudo rescen-
de alegria, tudo conunga
num amplexo inexplicavel de
caricias, de beijos, de tranqui-
lidade e de paz!

Bôas festas! Bôas festas!
Que de perfumes inebriantes
invadem as nossas almas, que
dulcificante prazer nos arreba-
ta o espirito e que sua-
vissimo conforto sente o cora-
ção quando depois de decorri-
do um ano, os nossos «diside-
ratuns» saíram coroados de
bom exito!

Então, um Novo Ano, nos
aparece trazendo-nos á mente
novos orisontes, novas espe-
ranças.

Principiamos por querer di-
visar entre a emaranhada
floresta da Vida, uma nova es-
trela de luz resplendente, que
nos guie para outras empre-
zas.

Um novo sol de esperanças
nasce em nossas almas aven-
tureiras.

E os nossos corações cheios
de fé aguardam religiosamente
o futuro!

Todos queremos — não é
possível — desvendar por entre
a brisa nobelosa do Futuro
uma nova aurora de paz e so-
cego, uma nova orbita aureo-
lada de venturas!

E nesta data, todos nós, nos
aventuramos á Sorte!

E assim, reciprocamente,
docemente ciciamos:—

E' o Ano Novo! Bôas festas!

E nós, aventureiros, livres
timoneiros desta formidavel
embarcação, vamos indo, ao
sabor das vagas, á mercê da
viração, suportando a onda,
fortemente encapelada, do in-
sondavel oceano da Vida!

Vamos arrastando a cruz,
afrontando o perigo, afastan-
do abrochos, sofrendo maguas,
engatando sorrisos, com mau-
ditos esforços, com sacrificios
supremos até alcançarmos a
meta, principal paragem dos
nossos sacrificios, dos nossos
esforços, que durante um ano
afrontamos, por entre alegrias
e tristezas, dôres e prazeres,
lagrimas e sorrisos!

E é assim a vida: julgamos
alcançar aquilo que nunca atin-
gamos!

A' AMAZONA

Descença

Ainda esta memoria tem presente
a minha já desfeita e vã loucura,
onde julguei achar paz e ventura,
havendo lá tristezas vis, sómente!

Como fui infantil e puro crente,
tomando por ventura a desventura
envolta em negra roupa de impostura,
que já hoje aos meus olhos é patente!

Eu hontem infeliz, só de ilusões
vivía, esperançado na mudança
do meu intimo mal em afeições:

hoje, nem posso já ter confiança
em pratos dos feridos corações,
pois temo ser segunda vez creança!...

VALENTIM

E o tempo está sempre
e nós vamos sofrendo...

Atiramo-nos para as gran-
des emprezas, cheios de fé,
cheios de esperança, com a
ancia fervorosa de sermos al-
guem, de chegarmos ás culmi-
nancias aspiradas, de subiri-
mos, de nos elevarmos, num
desejo fremente de engrande-
cermos, de triunfarmos, de
vencermos enfim, e... de re-
pente... perecemos...

Tudo se acabou...

E o tempo sempre andando
vê-nos partir, sorrir, e os que
ficam vão sofrendo, rindo, lu-
tando, desfazendo e transfor-
mando o himen luminoso e in-
coersível da estrada escabrosa
da Vida!

Para onde vamos?

Não sabemos! E, no entanto,
vamo-nos transformando...

E pela espinhosa e eurtá ve-
reda da vida, todos nós, de
olhos vendados, caminhamos
para o desconhecido...

Todavia, na temos na
Terra, a secundar nos com o
seu carinho o anjo bom, que
Deus nos enviou, para aca-
lentar o nosso sofrimento e pa-
ra suavisar os acerbos espi-
nhos das nossas dores!

E a humanidade por entre
todas as lutas, vê voar celer-
mente o Tempo, esquecendo-
se do agri-doce da Vida e ao
ver assomar um Novo Ano, ela,
brada cheia de entusiasmo, com
o coração em festa, com a alma
cheia de esperança, como-
vidamente, docemente, recipre-
camente:

Bôas festas! Bôas festas!

ARMANDO

Antonio Luiz Coelho

Tivemos o praser de cum-
primentar na nossa redação
este nosso presado assinante.

Anuncio

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direi-
to da comarca de
Figueiró dos Vi-
nhos e cartorio do escrivão
Guedes da Silva, e nos autos
de justificação avulsa em que
é requente Laura Nunes Vi-
torino, viuva, moradora no
lugar do Casal de Santo An-
tonio das Bairradas desta
freguezia e comarca e na qual
a mesma requerente se pre-

herdeira de seu marido An-
tonio Vitorino falecido sem
testamento no estado de ca-
sado com a justificante, em
viagem de Mossuril para a
cidade de Moçambique em
vinte e quatro de dezembro
de mil novecentos e dezoito
deixando como unica her-
deira sua filha Clelia Nunes
Vitorino, a qual faleceu em
vinte e oito de dezembro do
mesmo ano no hospital da
cidade de Moçambique com
tres anos e meio succedendo-
lhe como sua herdeira a jus-
tificante que nos mesmos
autos se pretende habilitar
como unica herdeira da mes-
ma sua filha Clelia Nunes
Vitorino, para todos os efei-
tos legaes e especialmente
para receber dois depositos
no Banco Nacional Ultrama-
rino, sendo um de mil cento
onze e scudos e noventa e dois
centavos e outro de quinhen-
tos e cincoenta escudos, per-
tencentes aos mesmos, cor-
rem editos de trinta dias ci-
tando quiesquer interessa-
dos incertos que se julgarem
com direito a quiesquer bens
deixados pelos falecidos pa-
ra na segunda audiencia,
lindo o prazo dos editos a
contar da segunda e ultima
publicação deste anuncio ve-
rem accusar a citação e mar-
car-lhes o prazo legal para
contestarem querendo.

As audiencias neste Juizo
tem lugar todas as segun-
das e quintas feiras no Tri-
bunal Judicial desta comar-
ca sito em Figueiró dos Vi-
nhos na Praça do Municipio,
por onze horas, salvo sendo
dia ferido, porque neste ca-
so tem lugar no dia im-
dito.

Figueiró dos Vinhos, dez
de dezembro de mil nove-
centos e desanove.
Verifiquei

O Juiz de Direito

Pereira de Carvalho

O escrivão do 2.º officio

Fernando Guedes da Silva

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO
DOS VINHOS

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direi-
to desta comarca
e cartorio do se-
gundo officio correm editos
de trinta dias a partir da se-
gunda e ultima publicação
deste anuncio, citando os in-
teressados Rosa Maria e ma-
rido Joaquim Gonçalves dos
Santos, ausentes em parte
incerta dos Estados-Unidos
do Brazil para assistirem a
todos os termos até final do
inventario offanologico a que
se procede neste Juizo por
obito de seus paes e sogros
José Fernandes Alexandre e
mulher Joaquina Maria, mo-
radores que foram no lugar
foram no lugar de Sarzedas
de São Pedro, desta comar-
ca e em que é inventariante
a interessada Maria do Car-
mo, moradora no mesmo lu-
gar, sob pena de revelia e
sem prejuizo do andamento
regular do inventario.

Figueiró dos Vinhos, aos
quinze de dezembro de mil
novecentos e desanove.

O Juiz de Direito

Pereira de Carvalho

O escrivão do 2.º officio

Fernando Guedes da Silva

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO
DOS VINHOS

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direi-
to desta comarca
e cartorio do se-
gundo officio correm editos
de trinta dias a partir da se-
gunda e ultima publicação
deste anuncio, citando os in-
teressados José Tomaz e
mulher cujo nome se ignora,
Artur Tomaz e mulher cujo
nome se ignora, Maria Ade-
laide e marido Antonio da
Silva, ausentes em parte in-
certa da cidade de Santos
da Republica dos Estado-
Unidos do Brazil, para as-
sistirem a todos os termos
até final do inventario offa-
nologico a que se procede
por obito de sua mãe e sogra
Maria do Carmo, moradora
que foi no lugar da Agra-
dação desta freguezia e
comarca e no qual é inven-
tariante o seu viuvo Antonio
Tomaz, morador no mesmo
lugar, sob pena de revelia e
sem prejuizo do andamento
regular do inventario.

Figueiró dos Vinhos, 12
de dezembro de mil nove-
centos e desanove

O Juiz de Direito

Pereira de Carvalho

O Escrivão do 2.º officio

Fernando Guedes da Silva